

AQUECIMENTO GLOBAL**LUIS NAZARÉ**

Economista; Professor do ISEG/ULisboa

A pancada viral

A FIGURA DO MÊS

Tempos estranhos, perturbadores, aqueles em que vivemos. Os excessos sucedem-se, no terreno e no discurso. E os complexos seguem-lhes as pisadas. É a eliminação de clássicos dos catálogos da sétima arte, é o derrube de estátuas, é a purga de referências históricas. Chegou agora a vez de as empresas se mostrarem, sinceramente ou não, “politicamente correctas”.

A L'Oréal não encontrou melhor do que remover dos seus artigos para a pele as palavras branco/branqueamento e claro/clareamento. Imagina-se que as marcas de dentífricos lhe seguirão as

pegadas. E tantos outros produtos, em que as palavras “branco” e “preto” são qualificativos comuns, desprovidos de significados ideológicos. As cervejeiras devem andar atormentadas com as suas cervejas pretas, tanto quanto os órgãos reguladores sobre a designação a encontrar para o branqueamento de capitais.

Em matéria de pele, tudo isto é tanto mais estranho quanto o padrão estético dominante no Ocidente é o dos tons tismados. É bem provável que as marcas de bronzeadores retirem das suas gamas os produtos de “ecrã total”. ■

**L'ORÉAL****1000**
MILHÕES DE DÓLARES**NÚMERO DO MÊS**

É o valor da dívida acumulada pelo Cirque du Soleil, o maior produtor mundial de espectáculos circenses. Esmagada pela pressão dos credores e forçada a cancelar os seus 44 espectáculos em curso pelo mundo fora, a empresa canadiana acaba de solicitar a protecção dos tribunais e de entregar um dossiê de pré-falência, segundo relata o jornal económico francês Les Echos.

O Cirque, como é comumente designado no Quebec, nasceu, há 35 anos, da inspiração de um artista de rua chamado Guy

Laliberté, criando uma combinação inédita de engenho, acrobacia e arte. Laliberté tinha vendido a sua última participação accionista (10%) no início de Fevereiro ao fundo estatal Caisse de Dépôt et Placement du Québec (CDPQ).

Aparentemente, o resgate da empresa está garantido. A *convention d'achat*, negociada pelo seu PDG, prevê que os maiores accionistas do Cirque – os chineses da Fosun, o fundo americano TBG e a CDPQ – adquiram a quase totalidade dos seus activos, com a ajuda de um financiamento de 200 milhões de dólares do Estado e de um acordo de reestruturação da dívida por parte dos credores. ■

N

*asce um deus. Outros morrem. A Verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou
Temos agora uma outra Eternidade
E era sempre melhor o que passou
Cega, a Ciência a inútil gleba lavra
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto
Um novo deus é só uma palavra
Não procures nem creias: tudo é oculto*
(Fernando Pessoa)

1. Sabemos o que nos espera. Este invisível vírus coroado provocará, mais do que o fez até agora, uma crise planetária que demorará muito tempo a ultrapassar, por mais que os optimistas e os arautos da destruição criativa lhe descubram um mar de oportunidades nunca exploradas. O rombo nas economias não vai parar de aumentar, causando empobrecimento e desemprego, antes que uma retoma de perfil L-suave, impulsionada por medidas de política económica, se comece a fazer sentir.

Para agravar a situação, teremos doravante de viver com uma espada terrível sobre as nossas cabeças – a ameaça de surgimento de um corona reciclado –, que nem a descoberta de uma vacina para a covid-19 poderá eliminar. A quantas crises mais resistiríamos? Que respostas encontrará a ciência para a sina viral, quando não conseguiu sequer encontrar, em dezenas de anos de pesquisa, uma vacina universal para a gripe?

Os efeitos económicos que o mundo terá de fazer face nos próximos tempos exprimem-se de modo diferente de país para país, em

função da estrutura dos seus tecidos produtivos e sociais. Sabidos que são os fortes impactos da crise sanitária em sectores como o turismo, o comércio tradicional ou os transportes, podemos deduzir que Portugal terá um árduo caminho pela frente.

2. No turismo e actividades conexas (o sector HORECA, em geral), o choque será, como já estamos a verificar, de grande amplitude. Não são só os ingleses, as quarentenas e outras restrições que nos apoquentam. É o estado de espírito geral, que inibirá as pessoas comuns de viajar para fora de portas. Todos os grandes receptores de turistas internacionais sofrerão um rude golpe. Mas não só. Veja-se o número de restaurantes de nomeada que se viram já obrigados a fechar, por falta de clientes nacionais e impossibilidade prática de rendibilização das operações, com ou sem *lay-off*.

O nosso tecido empresarial é dominado por micro e pequenas empresas – o mesmo acontece na generalidade dos países da OCDE, mas a sua proporção em Portugal é das mais altas –, onde o comércio e serviços de proximidade representam uma importante fatia. Somos o país europeu onde o número de lojas por milhar de habitantes é mais elevado. As restrições de mobilidade forçarão ao encerramento de muitas.

3. Todos os sistemas de valor ligados aos transportes vivem já em situação de crise, especialmente os relacionados com o transporte aéreo, não só por razões conjunturais, mas também estruturais. A TAP não é excepção, nem sequer pelos seus crónicos défices de exploração (comuns à maioria das companhias de bandeira). Temos de a manter por razões de in-

**Temos de a
[TAP]manter
por razões de
independência
e de estratégia
nacional? Seja.
Mas
preparemo-
-nos para
muitas outras
injecções de
dinheiro.**

Data: 01.07.2020

Título: A pancada viral

Pub: JORNAL DE
negócios

Tipo: Jornal Nacional Diário

 **QuickCom**
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 29

dependência e de estratégia nacional? Seja. Mas preparemo-nos para muitas outras injeções de dinheiro além dos 1.200 milhões de que agora necessita. ■

Artigo em conformidade com o antigo Acordo Ortográfico

Área: 463cm² / 49%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6884637